



## Formação e educação na contemporaneidade: caminhos pela arte

Paula Weber<sup>1</sup>

[paulaweber.dg@gmail.com](mailto:paulaweber.dg@gmail.com)

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

**Resumo:** O presente artigo visa refletir, através do entrelaçamento das opiniões de dois autores – Fernando Hernández, educador espanhol, e Jidu Krishnamurti, filósofo e educador indiano – acerca da educação vigente no mundo contemporâneo. Busca-se discutir características da educação através das opiniões destas duas figuras que representam importantes papéis na reflexão sobre modelos e propósitos das instituições de ensino, tentando, assim, desestabilizar consumados paradigmas e propor uma fuga da zona de conforto, quiçá provocando o leitor a repensar os modelos de ensino vigentes, considerando a presente reflexão.

**Palavras-chave:** Educação; capitalismo; arte.

Tenho me colocado em uma posição de questionamento sobre o real propósito da educação uma vez que, até então, minha formação foi no sentido de me tornar uma profissional que desempenhasse o papel de uma peça importante na economia nacional. Não obstante, almejava uma formação que me rendesse um ótimo salário. Mas será mesmo que ser essa peça, essa parte que ajuda a movimentar essa grande engrenagem da cultura capitalista vigente, é o real propósito da educação?

Vivemos dentro de um mundo capitalista desenfreado. Um mundo com acentuadas diferenças sociais, marcado também pelo avanço das tecnologias e onde o tempo parece cada vez mais curto. Por causa destas características econômicas, a educação firmou seus pilares em cima de ideais do que deveriam ser os futuros cidadãos e profissionais.

Como sugere Krishnamurti em seu livro “A Educação e o Sentido da Vida”, estamos caminhando em direção a uma padronização, em que as necessidades e a compreensão do indivíduo acerca de si mesmo são deixadas de lado para atender ao capitalismo. É como se estivéssemos “fabricando um tipo de ser humano que o

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Artes Visuais - Habilitação em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (2012). cursou, como aluna especial, a disciplina Design Autoral no Curso de Mestrado em Artes Visuais da UFPel durante o segundo semestre de 2012 e, atualmente, é aluna regular do mesmo Curso de Mestrado. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Design Gráfico.



principal interesse é procurar segurança, tornar-se uma pessoa importante ou viver deleitavelmente e com o mínimo possível de reflexão” (KRISHNAMURTI, 1994, p.7).

Esta “fabricação”, segundo o autor, acaba por dificultar o pensar independente, e a busca desenfreada pela especialização em determinadas áreas do conhecimento acabam por prejudicar a compreensão do indivíduo sobre a vida como um todo, prejudicando assim a capacidade interpretativa.

Dentro de uma discussão sobre este contexto é impossível não lembrar do clipe e do trecho da música *Another Brick In The Wall* da banda *Pink Floyd*: “*we don't need no education, we don't need no thought control*”, que pode ser traduzida como “nós não precisamos de nenhuma educação, nós não precisamos de nenhum controle de pensamento”. Criado nos anos XX para criticar o modelo de ensino vigente, o vídeo apresentava crianças uniformizadas em uma esteira de fábrica caindo em um moedor de carne, o qual podemos facilmente interpretar como alimento à indústria mercantil.

Com uma posição similar à de Krishnamurti (1994), Hernández também contesta esta “fábrica” de indivíduos que, segundo ele, provém da narrativa atual de mercado. Visto desta forma, a educação não é considerada um direito, mas sim um “serviço mediado pelas tecnologias que se hão de inserir na economia de mercado e nos ditames da Organização Mundial do Comércio” (HÉRNANDEZ, 2007, p.12). Com isso, a narrativa dominante de ensino também é apontada como falha pelo autor, pois tende à naturalização. É como se as coisas pudessem ser entendidas e pensadas apenas através dos livros sobre os quais o ensino se baseia, sendo vetados os pontos de vista e maneiras diversas do convencional.

Percebe-se, assim, uma distância considerável entre os universos dentro e fora da escola, ou seja, uma distância, também, entre as experiências e as expectativas dos aprendizes, os quais seguem seus livros e não experienciam os conhecimentos – na maioria das vezes sequer refletindo sobre eles.

Este modelo de educação convencional, de acordo com Krishnamurti (1994), acaba por dificultar o pensar independente, conduzindo o homem à mediocridade e à conformação com o sistema vigente. De certa forma, parece que não há uma preocupação em buscar o significado de suas ações e o sentido real da vida de cada



um, o qual é, na maioria das vezes, encarado erroneamente como o alcance do emprego “perfeito”, da eficiência e do domínio sobre os demais.

De qualquer forma, ambos autores enfatizam a importância da vivência e da experiência na aprendizagem, buscando dar sentido ao mundo, às relações com o próximo e consigo mesmo. Segundo Krishnamurti:

Se a vida tem um significado mais alto e mais amplo, que valor tem nossa educação se nunca descobrimos este significado? Podemos ser superiormente cultos; se nos falta, porém, a profunda integração do pensamento e do sentimento, nossas vidas são incompletas, contraditórias e cheias de temores torturantes; e, enquanto a educação não abranger o sentido integral da vida, bem pouco significará. (1994, p.9).

Através deste pensamento, o autor nos traz o que seria a verdadeira educação, chamada por ele de “educação correta”. Trata-se de uma proposta de educação que não tenha como base ideologias sobre o que deveriam ser os aprendizes. Podemos chamá-la de uma proposta “anti-idealista”, a qual busca evitar seguir tentativas errôneas de moldar o ser humano de forma padronizada. Esta seria a “educação correta”, baseada “no que é”, e não “no que deveria ser”, propondo ao aprendiz a busca pelo conhecimento do mundo e de si próprio como um todo, e não através da divisão entre o entendimento das partes e a busca da técnica como prioridade, mas sim um equilíbrio entre os dois. De acordo com as palavras de Krishnamurti (1994, p.17), “a vida é dor, é alegria, beleza (...), quando a compreendemos globalmente (...), essa compreensão cria sua própria técnica. Mas o inverso não é exato: a técnica nunca produzirá a compreensão criadora”.

Segundo o pensador, a educação se foca em desenvolver a eficiência em determinadas áreas do conhecimento, excluindo todo o resto e mantendo as pessoas ocupados durante a maior parte da existência atendendo às demandas econômicas.

Além disso, trata de todos como se fossem iguais, sem suas particularidades, numa certa “fábrica de cidadãos perfeitos”, em que a busca é por uma transformação para o ideal, ou seja, em outra coisa.

Dou-me a liberdade de trazer uma reflexão do professor e curador de arte Agnaldo Farias, apresentada em palestra realizada em 2010, chamada *Nos Territórios da Arte* em que, ao falar sobre a relação artista/obra, contribui como um exemplo sobre o que significa, para mim, esta tentativa errônea de se transformar no outro:



[...] num processo de enamoramento há sempre uma tentativa, num primeiro momento, de tentar entender o que é o outro, o que o outro imagina que seja bacana para que a gente se comporte exatamente dentro da expectativa do outro. Então você tenta caber no olho do outro de tal modo que no frigar dos ovos isso não vai dar muito certo. (FARIAS, 2010)

Com esta simples analogia, torna-se fácil verificar que a tentativa educacional de padronizar a educação acaba tendo problemas, visto que cada indivíduo é diferente e a educação deveria focar nessas diferenças. É o que Krishnamurti (1994) quer dizer quando aponta que em vez de despertar a inteligência integral do indivíduo, a educação focada na proficiência de um determinado ramo do saber veda-lhe a compreensão de si mesmo.

Como podemos observar, tanto Krishnamurti (1994) quanto Hernández (2007) vão contra os ditames educacionais vigentes. Porém, além da busca pelo real sentido da vida proposto pelo primeiro autor, o segundo lança um outro olhar a esta adaptação das instituições educativas ao mercado como um ideal de futuro. Segundo ele, esta não é uma narrativa correta devido às constantes mutações mercadológicas, ou seja, o que conhecemos e vivemos hoje pode não ser igual ao que virá no amanhã. Diante disto, o autor coloca que os governos “não se dão conta de que nossa época não exige mais controle, mas autonomia criativa e transgressora de forma a se estabelecer uma ponte com sujeitos mutáveis em um mundo onde o amanhã é incerto” (HERNÁNDEZ, 2007, p.14).

Segundo Krishnamurti (1994), a educação não deveria propor ao indivíduo uma adaptação à sociedade, nem mesmo forçá-lo a se manter negativamente em harmonia com ela. Ao contrário: através da livre investigação de preceitos e autopercebimento, ajudá-lo a descobrir valores verdadeiros através da experiência, afinal de contas, utopias só poderiam funcionar com máquinas.

Pergunto-me, então, se esta busca pelo entendimento como um todo pode ser realizada através da arte e do “fazer” em arte, já que é um campo do conhecimento que possui um universo de infindáveis questionamentos e possibilidades. Sim, porque a arte, aos meus olhos, não busca responder perguntas, mas as propõe, e é através destas propostas e questionamentos que o ser humano é movido a buscar conhecimentos e entender o mundo através de suas próprias interpretações.



Seguindo este pensamento, Farias (2010) nos coloca que “o mundo mora em nós, e quanto mais sabemos do mundo, mais sabemos sobre nós”.

A arte, de acordo com o autor, é um campo de conhecimento importante, o qual, por mais que não pareça necessária no começo, é essencial no fim. Afinal, ninguém desperta pela manhã sentindo saudade de uma música ou uma obra que não viu, diferente de uma pessoa que sente necessidade de um dentista por estar com dor de dente. Apesar disso, grande parte da felicidade que temos na vida é, de certa forma, ligada às artes em geral.

Farias (2010) compara sua importância com a que é dada por Henri Focillon à mão esquerda – tomada por muitos destros como inútil – em seu ensaio *Elogio da Mão*, mostrando que sem ela, talvez a mão direita não fosse tão bem sucedida: “Não faço fé, em absoluto, na eminente dignidade da direita. Quando a esquerda lhe falta, ela recai numa solidão difícil e quase estéril” (FOCILLON, 2012, p.8).

A reflexão sobre este texto talvez possibilite a compreensão da necessidade do ser humano em relação às artes, especialmente em relação à reflexão sobre a vida que ela proporciona, seja através de uma música, de um poema, de um quadro ou de uma peça de teatro. São infindáveis as formas que a arte entra em nossas vidas, e inquestionáveis as reflexões pessoais que elas nos causam.

Talvez a resposta para a pergunta de Krishnamurti: “Escolhemos uma profissão de acordo com nossas aptidões. (...) Depois que somos engenheiros, médicos, contadores, o que acontece? A prática de uma profissão representa o preenchimento da vida?” (KRISHNAMURTI, 1994, p.17) esteja longe de ser respondida. Ouso dizer que talvez este questionamento jamais venha a ser suprido, por não crer na possibilidade de elaboração de uma resposta pronta, estanque, diante da complexidade inerente ao ser humano – e, conseqüentemente, por reconhecer justamente aí a beleza da mais perfeita criação da natureza, em suas múltiplas facetas, angústias, crenças, esperanças e anseios.

Considero importante trazer estes questionamentos já que Krishnamurti (1994) nos coloca que para instituímos o que ele chama de *educação correta*, devemos desenvolver a capacidade de pensar de maneira direta e verdadeira, sem rigidez. Isto porque a educação não se resume em adquirir conhecimentos e correlacionar fatos



da vida, mas sim desenvolver a capacidade mental de entendimento de mundo como um todo, somando a ação e a experiência nesta busca pelo desenvolvimento intelectual. Afinal, enquanto a educação vigente não se despir de sua rigidez, poderá produzir apenas “homens e mulheres proficientes, mas nunca formará entes humanos criadores” (KRISHNAMURTI, 1994, p.22).

Com isso, talvez um dos caminhos a seguir é reafirmar a importância da educação em arte dentro das escolas, de forma que ela sirva como mola propulsora para a criatividade, para a produção intelectual e subjetiva dos aprendizes. Através da arte é possível enfrentar o desafio de ampliar os horizontes educacionais, propondo a educandos e educadores a possibilidade de pensar e experienciar, a partir do viés artístico, alguns dos problemas pessoais gerados por este momento socioeconômico e cultural, ajudando-os a dar sentido às suas vidas e ao mundo em que vivem.

O problema é que, segundo Hernández (2007), as reformas periodicamente propostas pelos governos são pensadas e priorizadas única e exclusivamente para atenderem o sistema de relações econômicas e trabalhistas. Este paradigma sugere que as instituições de educação esqueceram-se do aprendiz como ser humano, colocando-o a serviço da indústria e da tecnologia, e não o contrário. Por conta disso, grande parte dos conflitos atuais nascem do descontentamento destes futuros trabalhadores em relação às suas qualidades de vida.

O objetivo desta reflexão é buscar fazer o leitor raciocinar sobre qual papel vem desempenhando até o presente momento. Estas indagações intencionam fomentar a busca da criatividade latente e o desejo do verdadeiro saber em sua completude, para que finalmente possamos identificar o papel que pretendemos passar a desempenhar enquanto educandos e futuros educadores na qualidade de ensino, bem como repensar os objetivos que almejamos em nossas vidas.

## Referências

FOCILLON, Henri. *Elogio da mão* (livro eletrônico). Tradução: Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. Disponível em:



<[http://issuu.com/ims\\_instituto\\_moreira\\_salles/docs/elogiodamao\\_07](http://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/elogiodamao_07)>. Acesso em 16/06/2014.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *A educação e o significado da vida*. Ed.14. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

Núcleo de vídeo da SSE. *Agnaldo Farias - "Nos territórios da Arte" - Dia 1 - Parte 1*. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=2i\\_Qz0G-sKk](https://www.youtube.com/watch?v=2i_Qz0G-sKk)>. Acesso em 16/06/2014.